BONITEZA DE UM SONHO: Ensinar-e-aprender com sentido

MOACIR GADOTTI

São Paulo
GRUBHAS
2003

SUMÁRIO

1 - POR QUE SER PROFESSOR? 2

2 - CRISE DE IDENTIDADE, CRISE DE SENTIDO 3

3 - FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR 5

4 - SER PROFESSOR NA SOCIEDADE APRENDENTE 6

5 - APRENDER COM EMOÇÃO, ENSINAR COM ALEGRIA 7

6 - EDUCAR PARA UMA VIDA SUSTENTÁVEL 10

7 - SER PROFESSOR, SER EDUCADOR 11

BIBLIOGRAFIA 13

SOBRE O AUTOR 13

1 - Por que ser professor?

A beleza existe em todo lugar. Depende do nosso olhar, da nossa sensibilidade; depende da nossa consciência, do nosso trabalho e do nosso cuidado. A beleza existe porque o ser humano é capaz de sonhar.

Inspirei-me em Paulo Freire para escrever esse livro. Paulo Freire nos fala em sua Pedagogia da autonomia da "boniteza de ser gente"[1], da boniteza de ser professor: "ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria"[2]. Paulo Freire chama a atenção para a essencialidade do componente estético da formação do educador. Coloquei um título que fala de sonho e de sentido que querem dizer a mesma coisa. "Sentido" quer dizer caminho não percorrido mas que se deseja percorrer, portanto, significa projeto, sonho, utopia. Aprender e ensinar com sentido é aprender e ensinar com um sonho na mente. A pedagogia serve de guia para realizar esse sonho.

Paulo Freire, em 1980, logo após voltar de 16 anos de exílio, reuniu-se com um grande número de professores em Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais. Falou-lhes de esperança, de "sonho possível", temendo por aqueles e aquelas que "pararem com a sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e de anunciar", aqueles e aquelas que, "em lugar de visitar de vez em quando o amanhã, o futuro, pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e com o agora, que em lugar desta viagem constante ao amanhã, se atrelem a um passado de exploração e de rotina"[3].

Dezessete anos depois, em 1997, em seu último livro, lançado três semanas antes de falecer, ele se mantinha fiel à mesma linha de pensamento, reafirmando o sonho e a utopia diante da "malvadez neoliberal", diante do "cinismo de sua ideologia fatalista e a sua recusa inflexível ao sonho e à utopia"[4]. Denúncia de um lado, anúncio de outro: a sua "pedagogia da autonomia" frente à pedagogia neoliberal.

Lembrando os cinco anos da morte de Freire, nesse pequeno livro[5], quero retomar o que ele disse e entender o seu significado no contexto de hoje. Paulo Freire nos falava da "boniteza" do sonho de ser professor de tantos jovens desse planeta. Se o sonho puder ser sonhado por muitos[6] deixará de ser um sonho e se tornará realidade.

A **realidade**, contudo, é muitas vezes bem diferente do **sonho**. Muitos de meus alunos e alunas, seja na Pedagogia, seja na Licenciatura, não pensam em se dedicar às salas de aula. Muito revelam desinteresse em seguir a carreira do magistério, mesmo estando num curso de formação de professores. Pesam muito nesse decisão as condições concretas do exercício da profissão. Preparam-se para ser professor e irão exercer outra profissão.

O brasileiro desvaloriza o professor. É o que se poderia deduzir de um dito que se tornou popular nas últimas décadas não Brasil: "Quem sabe faz, quem não sabe ensina". É sinistro. Essa destruição da imagem do professor custará muito caro, dizia já em 1989, o jornalista Leonardo Trevisan[7]: "Todos dizem que gostam muito dos professores, mas não chegam a incomodar-se muito com o fato de que há tempos eles recebem um salário de fome. O salário é a parte mais visível de uma condição – da qual decorre um papel social que se descaracterizou por completo... Só quem não quer ver não percebe o sentimento de cansaço, de esgotamento de expectativas de quem encarava com dignidade o seu desempenho profissional".

A situação vem se arrastando há anos. Tenho 41 anos de magistério e não tenho visto grandes melhorias. Ao contrário, tenho ouvido muitas promessas. As melhorias existem aqui e acolá, mas são pontuais e localizadas – servem apenas de exemplo – são conjunturais e não estruturais, são provisórias, passageiras e não permanentes. Correspondem a uma política de governo e não a uma política pública de estado.

Por isso continuo me perguntando: "Por que sou professor?" É uma pergunta que ouço com freqüência também entre meus pares.

A resposta talvez possa ser encontrada numa mensagem deixada por um prisioneiro de campo de concentração nazista na qual, depois de viver todos os horrores da Guerra[8] – "crianças envenenadas por médicos diplomados; recém-nascidos mortos por enfermeiras treinadas; mulheres e bebês fuzilados e queimados por graduados de colégios e universidades" – ele pede aos professores que "ajudem seus alunos a tornarem-se humanos", simplesmente humanos. E termina: "ler, escrever e aritmética só são importantes para fazer nossas crianças mais humanas".

Talvez esteja aí a chave para entender a **crise** que vivemos: perdemos o **sentido** do que fazemos, lutamos por salário e melhores condições de trabalho sem esclarecer a sociedade sobre a finalidade de nossa profissão, sem justificar porque estamos lutando.

O que me leva agora a escrever esse pequeno livro é justamente esse imperativo histórico e existencial que me obriga a colocar a questão do sentido do que estou fazendo. Qual é o papel do educador, da escola, da educação? O que um professor pode fazer, o que ele deve fazer, o que é possível fazer?

Em inúmeras conferências que tenho feito a professores, professoras, por este país e fora dele, além de constatar um grande mal-estar entre os docentes, misturado a decepções, irritação, impaciência, ceticismo, perplexidade, paradoxalmente, existe ainda muita esperança. A **esperança** ainda alimenta essa difícil profissão. Há uma ânsia por entender melhor porque está tão difícil educar hoje, fazer aprender, ensinar, ânsia para saber o que fazer quando todas as receitas governamentais já não conseguem responder. A maioria dessas professoras - elas são a quase totalidade - com a diminuição drástica dos salários, com a desvalorização da profissão e a progressiva deterioração das escolas – muitas delas têm hoje cara de presídio - procuram cada vez mais cursos e conferências, para buscar uma resposta que não encontraram nem na sua formação inicial e nem na sua prática atual.

Poucas são as vezes em que encontram resposta nesses cursos. Na sua maioria, ou encontram receitas tecnocráticas que causam ainda maior frustração, ou encontram profissionais da "pedagogia da ajuda" que encantam com suas belas e sedutoras palavras, fazem rir enormes platéias numa catarse coletiva. E voltam vazios como entraram depois de assistirem ao show desses falsos pregadores da palavra. Voltam com a mesma pergunta: "O que estou fazendo aqui?" – "Por quê não procuro outro trabalho?" – "Para que sofrer tanto?" – "Por quê, para que ser professor?".

Se, de um lado, a transformação nas condições objetivas das nossas escolas não depende apenas da nossa atuação como profissionais da educação, de outro lado, creio que sem uma mudança na própria concepção da nossa profissão ela não ocorrerá tão cedo. Enquanto não construirmos um novo sentido para a nossa profissão, sentido esse que está ligado à própria função da escola na sociedade aprendente, esse vazio, essa perplexidade, essa crise, deverão continuar.

Em sua essência, ser professor hoje, não é nem mais difícil nem mais fácil do que era há algumas décadas atrás. É diferente. Diante da velocidade com que a informação se

desloca, envelhece e morre, diante de um mundo em constante mudança, seu papel vem mudando, senão na essencial tarefa de educar, pelo menos na tarefa de ensinar, de conduzir a aprendizagem e na sua própria formação que se tornou permanentemente necessária.

As novas tecnologias criaram **novos espaços do conhecimento**. Agora, além da escola, também a empresa, o espaço domiciliar e o espaço social tornaram-se educativos. Cada dia mais pessoas estudam em casa pois podem, de lá, acessar o **ciberespaço da formação** e da **aprendizagem a distância**, buscar "fora" – a informação disponível nas redes de computadores interligados – serviços que respondem às suas demandas de conhecimento. Por outro lado, a sociedade civil (ONGs, associações, sindicatos, igrejas...) está se fortalecendo, não apenas como espaço de trabalho, mas também como espaço de difusão e de reconstrução de conhecimentos.

Na **formação continuada** necessita-se de maior integração entre os espaços sociais (domiciliar, escolar, empresarial...) visando a preparar o aluno para viver melhor na sociedade do conhecimento. Como previa Herbert McLuhan, na década de 60[9], o planeta tornou-se a nossa sala de aula e o nosso endereço. O ciberespaço rompeu com a idéia de tempo próprio para a aprendizagem. O espaço da aprendizagem é aqui, em qualquer lugar; o tempo de aprender é hoje e sempre.

Hoje vale tudo para aprender. Isso vai além da "reciclagem" e da atualização de conhecimentos e muito mais além da "assimilação" de conhecimentos. A sociedade do conhecimento é uma sociedade de múltiplas oportunidades de aprendizagem. As **conseqüências** para a escola, para o **professor** e para a educação em geral são enormes: ensinar a pensar; saber comunicar-se; saber pesquisar; ter raciocínio lógico; fazer sínteses e elaborações teóricas; saber organizar o seu próprio trabalho; ter disciplina para o trabalho; ser independente e autônomo; saber articular o conhecimento com a prática; ser aprendiz autônomo e a distância.

Nesse contexto, o professor é muito mais um mediador do conhecimento, diante do aluno que é o sujeito do sua própria formação. O aluno precisa construir e reconstruir conhecimento a partir do que faz. Para isso o professor também precisa ser curioso, buscar sentido para o que faz e apontar novos sentidos para o que fazer dos seus alunos. Ele deixará de ser um "lecionador"[10] para ser um organizador do conhecimento e da aprendizagem.

Em resumo, poderíamos dizer que o professor se tornou um aprendiz permanente, um construtor de sentidos, um cooperador, e, sobretudo, um **organizador da aprendizagem**. Se falamos do professor de adultos e do professor de cursos a distância, esses papéis são ainda mais relevantes. De nada adiantará ensinar, se os alunos não conseguirem organizar o seu trabalho, serem sujeitos ativos da aprendizagem, auto-disciplinados, motivados.

"Ser professor", não será "um ofício em risco de extinção", pergunta-se Luiza Cortesão[11]. Um certo professor está em risco de extinção. O funcionário da eficácia e da competitividade pode existir mas terá se demitido da sua função de professor. Diz ela que há hoje uma evidente contradição entre o professor em branco e preto, o professor "monocultural", bem formado, seguro, claro, paciente, trabalhador e distribuidor de saberes, eficiente, exigente e o professor "intermulticultural" que não é um "daltônico cultural", que dá-se conta da heterogeneidade, capaz de investigar, de ser flexível e de recriar conteúdos e métodos, capaz de identificar e analisar problemas de aprendizagem e de elaborar respostas às diferentes situações educativas. Um não se pergunta porque ser professor. Simplesmente cumpre ordens, currículos, programas, pedagogias. Outro questiona-se sobre seu papel. Um está centrado nos conteúdos curriculares e outro no sentido do seu ofício. Sim, um certo professor está em risco de extinção. E isso é muito bom.

- O que é ser professor hoje?

- Ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo com **consciência** e **sensibilidade**. Não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem educadores. Os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas. Diante dos falsos pregadores da palavra, dos marqueteiros, eles são os verdadeiros "amantes da sabedoria", os filósofos de que nos falava Sócrates. Eles fazem fluir o saber - não o dado, a informação, o puro conhecimento - porque constroem **sentido para a vida** das pessoas e para a humanidade e buscam, juntos, um mundo mais justo, mais produtivo e mais saudável para todos. Por isso eles são imprescindíveis.

2 - Crise de identidade, crise de sentido

O ofício de professor está, realmente, em risco de extinção?

Um velho professor está realmente desaparecendo e espero que nesse velho professor esteja nascendo um novo professor. Não é a profissão que está morrendo. É uma profissão que está renascendo. O professor não está morrendo, sua função não está desaparecendo, mas ela está se transformando profundamente, adquirindo uma nova **identidade**. E isso não é nada novo, pois cada geração de professores constitui sua própria identidade docente no contexto em que vive. Hoje o contexto é o próprio mundo globalizado. O professor precisa hoje adequar sua função, ensinar, educar no mundo globalizado[12], até para transformar profundamente o modelo de globalização dominante, essencialmente perverso e excludente.

Cícero traduziu "paidéia" (formação integral do homem) por "humanitas" (formação da/para a humanidade). Não há civilização sem professores. Não haverá uma nova civilização sem uma nova formação dos professores. Não há nação sem professores.

Escolher a profissão de professor não é escolher uma profissão qualquer. Na maioria das vezes essa escolha se dá por intuição. Muitas professoras, quando perguntadas porque escolheram essa profissão respondem: "porque gosto de criança". É uma resposta correta e significativa, mas ela não é levada em conta no seu processo de formação. Essa motivação e pouco trabalhada. Em geral, a sua formação limita-se a aspectos técnico-pedagógicos e não ético-políticos, que seriam mais afinados com os *motivos da sua escolha*. Além disso, o aspecto profissional tem sido descuidado por causa da confusão que é ainda freqüentemente feita entre o papel de mãe e de professora, sobretudo na educação infantil[13].

A docência, como aprendizagem da relação, está ligada a um profissional especial, um profissional do sentido, numa era em que aprender é conviver com a incerteza. Daí a necessidade de se refletir hoje sobre o novo papel do professor, as novas exigências da profissão docente, principalmente da formação continuada do professor, da professora.

Antes de mais nada, para entender a crise de identidade dessa profissão é preciso colocar em evidência as **características atuais da profissão docente**. Estamos diante de uma *profissão massificada*, o que realça o grande alcance dessa profissão e sua importância estratégica. Como o conhecimento da humanidade duplica em curto espaço de tempo, ele obsolece rapidamente, é extremamente mutável. Por isso, hoje

não tem mais sentido a existência de um profissional que se limita a reproduzir o conhecimento e a cultura que outros desenvolveram. O professor hoje precisa ser um profissional capaz de **criar conhecimento**.

Estamos também diante de uma *profissão "genérica"* (política). Não é um ofício específico pois o professor precisa lutar contra a exclusão social, ser animador de grupos, organizar o trabalho e a aprendizagem dele e dos alunos; sua profissão tem relação com as estruturas sociais, com a comunidade... enfim, ele é um profissional que precisa ter muita autonomia e exercer muita liderança. Existem características comuns a qualquer docente independentemente da matéria que leciona, o que torna essa profissão muito homogênea, não importando o grau de ensino onde esteja trabalhando. A competência genérica da profissão está sobretudo em seu saber político-pedagógico.

Por isso, é preciso ter cuidado especial quando se fala em "especialista" na educação. É claro que existem saberes e competências específicas, mas separá-las burocraticamente é um equívoco que tem custado caro aos sistemas educacionais, tornando-os inflexíveis, apesar das declarações em contrário. Como diz Mário Osório Marques[14], a especificidade da formação do pedagogo "exige não se confunda ela com a formação de um especialista a mais, como se a questão fosse simplesmente a da divisão do trabalho e não, muito mais, a da articulação da ação comunitativa/coletiva. Mas, por outra parte, não se requer um generalista ou superpedagogo a ser colocado num pedestal de autoridade, ou em posição de mando, nem mesmo na situação de simples assessoria técnica. Não se trata de alguém detentor de um saber hierárquico".

Uma terceira característica marcante dessa profissão: ela é constituída *predominantemente de mulheres*. Uma grande força numa época em que a mulher está exercendo um papel cada vez mais protagonista, inserido-se cada vez mais na vida social, política e econômica das sociedades mais avançadas. A participação da mulher na sociedade é indicador de avanço social e de desenvolvimento humano.

Finalmente, não há como negar: somos profissionais de *baixa renda*. Perdemos com isso. Mas, pensando numa "civilização do oprimido", como costuma nos dizer José Eustáquio Romão, esse profissional pode ter, por essa característica, um potencial revolucionário que outras profissões não têm, já que é uma profissão voltada para a emancipação das pessoas. A mudança vem "dos debaixo", como sustentava Florestan Fernandes. Os "debaixo", só tem a ganhar com a transformação. Por isso, têm uma grande capacidade para gestar a transformação.

Uma pesquisa de Eurize Caldas Pessanha[15] mostra que a professora primária era uma categoria profissional "filiada" às "camadas médias" da população. Ela foi um "nicho ideal para as mulheres dos estratos mais altos das camadas médias urbanas por ser uma profissão situada do lado do trabalho não-manual na divisão social do trabalho. No entanto, atualmente esses estratos parecem ter outras aspirações, e são os estratos mais baixos que desejam ter professores primários na família", diz a professora Marli André, na apresentação do livro de Eurize Caldas Pessanha. Para Eurize Caldas Pessanha[16], "o trabalho de professor, na forma em que se apresenta hoje, é um trabalho não-manual, assalariado, num setor não-produtivo, embora socialmente útil, da atividade humana. Sendo necessário também lembrar o fato de ser assalariado, funcionário do Estado ou de um serviço que, embora mantido por empresas privadas, é considerado um serviço 'público'". É esse serviço público que coloca o professor em pé de igualdade, esteja ele no ensino superior ou no fundamental, no setor público ou no setor privado.

Parece que todos hoje estão de acordo quando se trata da necessidade de **mudança**. A maioria afirma que a profissão docente deve mudar - sobretudo em função da complexidade da nova sociedade - mas não se diz como, nem porque e para onde devemos mudar. Daí, como diz Francisco Imbernón[17], "não é de admirar que nos últimos tempos não apenas o professor, mas também as instituições educacionais passem uma sensação de desorientação que faz parte da confusão que envolve o futuro da escola e do grupo profissional". Onde há desorientação há falta de sentido. As respostas à crise são sempre na direção da mudança, ou melhor, da formação para a mudança. Mas esse não é um discurso novo[18].

Há consenso quando se afirma que nossa profissão deve abandonar a concepção predominante no século XIX de *mera transmissão do saber escolar*. O professor não pode ser um mero executor do currículo oficial e a educação já não é mais propriedade da escola, mas de toda a comunidade. O professor, a professora precisam assumir uma postura *mais relacional*, dialógica, cultural, contextual e comunitária. Durante muito tempo a formação do professor era baseada em "conteúdos objetivos". Hoje o domínio dos conteúdos de um saber específico (científico e pedagógico) é considerado tão importante quanto as atitudes (conteúdos atitudinais ou procedimentais).

A educação do futuro deverá se aproximar mais dos "aspectos éticos, coletivos, comunicativos, comportamentais, emocionais... todos eles necessários para se alcançar uma educação democrática dos futuros cidadãos"[19]. Isso implica **novos saberes**[20], entre eles, saber planejar, saber organizar o currículo, saber pesquisa, estabelecer estratégias para formar grupos, para resolver problemas, relacionar-se com a comunidade, exercer atividades sócio-antropológicas, etc.

Como a mudança nas pessoas é muito lenta, o novo profissional que recebeu uma formação "atrasada", centrada no saber escolar, é tentado a desistir. Antes, a transmissão do conhecimento era facilmente medida. Agora, como o professor não foi preparado para trabalhar com conteúdos atitudinais, ele desiste.

Essas mudanças essenciais para a formação inicial e continuada da(o) professora® supõem uma **nova cultura profissional**. O maior desafio desta profissão está na mudança de mentalidade que precisa ocorrer tanto no profissional da educação quanto na sociedade e, principalmente, nos sistemas de ensino. A noção de *qualidade* precisa mudar profundamente: a *competência profissional* deve ser medida muito mais pela capacidade do docente estabelecer relações com seus alunos e seus pares, pelo exercício da liderança profissional e pela atuação comunitária, do que na sua capacidade de "passar conteúdos".

E uma nova cultura profissional implica uma redefinição dos **sistemas de ensino** e das instituições escolares. Mas essa redefinição não virá de cima, do próprio sistema. Ele é, por essência, conservador. A mudança do sistema deve partir do professor e de uma nova concepção do seu papel. Daí a **importância estratégica** de discutir hoje o novo papel do professor. Daí a importância de uma redefinição da **profissão docente**, de uma nova concepção do papel do professor.

Nesse sentido, no contexto atual, podemos identificar e confrontar duas concepções opostas da profissão docente: a *concepção neoliberal* e a *concepção emancipadora*. A primeira, amplamente dominante hoje, concebe o professor como um profissional lecionador, avaliado individualmente e isolado na profissão (visão individualista); a segunda considera o docente como um profis-

sional do sentido, um organizador da aprendizagem (visão social), uma liderança, um sujeito político.

- Por que falamos de uma concepção "emancipadora"?

- Porque o papel da educação, na concepção que defendemos, é emancipar as pessoas, ou, como diz Francisco Imbernón, "o objetivo da educação é ajudar a tornar as pessoas mais livres, menos dependentes do poder econômico, político e social. A profissão de ensinar tem essa obrigação intrínseca"[21].

Numa concepção emancipadora da educação, a profissão docente tem um componente ético essencial. Sua *especificidade* está no compromisso ético com a emancipação das pessoas. Não é uma profissão meramente técnica. A competência do professor não se mede pela sua capacidade de ensinar – muito menos "lecionar" – mas pelas possibilidades que constrói para que as pessoas possam aprender, conviver e viverem melhor.

Para mim, Paulo Freire foi o protótipo desse professor emancipador. Basta dar uma olhada nas mensagens recebidas no Instituto Paulo Freire, em São Paulo, logo depois de sua morte, dia 2 de maio de 19997. Ali se fala se esperança, de projeto comum, de mundo melhor, de emoção, de solidariedade. É apaixonante reler essas mensagens. Ser educador é despertar isso nas pessoas. Paulo Freire conseguiu tocar a alma das pessoas. Suas idéias poderão ter despertado controvérsias, mas não a sua pessoa. Muitas dessas mensagens dizem textualmente: "minha vida não seria a mesma se eu não tivesse lido a obra de Paulo Freire. O que ele escreveu ficará no meu coração e na minha mente". Essa relação entre o **cognitivo** e o **afetivo** é muito forte na práxis de Paulo Freire e também naqueles que foram influenciados por ele. Essa relação era muito forte também na sua obra. Ele não envolvia as pessoas emocionalmente só através de suas tão encantadoras falas, mas também através de seus escritos.

As mensagens recebidas logo depois de sua morte revelavam o impacto teórico e afetivo sobre a vida de tantos seres humanos de todas as partes do mundo. Essas manifestações terminavam sempre com o desejo de unir-se a outras pessoas e instituições para dar **continuidade ao seu legado**, ao seu compromisso, não o compromisso com os oprimidos deste ou daquele lugar, mas com os **oprimidos de todo o mundo**.

3 - Formação continuada do professor

A formação do profissional da educação está diretamente relacionada com o enfoque, a perspectiva, a concepção mesma que se tem da sua formação e de suas funções atuais. Para nós, a formação continuada do professor deve ser concebida como reflexão, pesquisa, ação, descoberta, organização, fundamentação, revisão e construção teórica e não como mera aprendizagem de novas técnicas, atualização em novas receitas pedagógicas ou aprendizagem das últimas inovações tecnológicas.

A nova formação permanente, segundo essa concepção, inicia-se pela *reflexão crítica sobre a prática*. Examinar as teorias implícitas, estilos cognitivos, preconceitos (hierarquia, sexismo, machismo, individualismo, intolerância, exclusão...). Como diz Paulo Freire "na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática"[22]. E essa reflexão crítica não se limita ao seu cotidiano na sala de aula pois, como diz Francisco Imbernón a sua reflexão "atravessa as paredes da instituição para analisar todo tipo de interesses subjacentes à educação, à realidade social, com o objetivo concreto de obter a emancipação das pessoas"[23].

Nesse sentido, deve-se realçar a importância da *troca de experiências entre pares*, através de relatos de experiências, oficinas, grupos de trabalho: "Quando os professores aprendem juntos, cada um pode aprender com o outro. Isso os leva a compartilhar evidências, informação e a buscar soluções. A partir daqui os problemas importantes das escolas começam a ser enfrentados com a colaboração entre todos"[24].

Na formação continuada do professor, outro eixo importante é o da discussão do *projeto político-pedagógico* da escola[25], a elaboração de projetos comuns de trabalho de cada área de interesse do professor, frente a desafios, problemas e necessidades de sua prática. É preciso formar-se para a cooperação. Como diz Francisco Imbernon[26] "a colaboração, mais que uma estratégia de gestão, é uma filosofia de trabalho". Os sistemas de ensino investem na formação individual (individualista?) e competitiva do professor, quando o mais importante é a formação para um projeto comum de trabalho, a formação política do professor. Mais do que uma formação técnica, a função do professor necessita de uma formação política para exercer com competência a sua profissão.

Em síntese, a nova formação do professor deve estar *centrada na escola* sem ser unicamente escolar, sobre as práticas escolares dos professores, desenvolver na prática um **paradigma colaborativo** e cooperativo entre os profissionais da educação. A nova formação do professor deve basear-se no diálogo e visar à redefinição de suas funções e papéis, à redefinição do sistema de ensino e à construção continuada do projeto político-pedagógica da escola. O próprio professor precisa construir também o seu projeto político-pedagógico.

Muito *sofrimento* da professora, do professor, poderia ser evitado se a sua formação inicial e continuada fosse outra, se aprendesse menos técnicas e mais atitudes, hábitos, valores. Antes de se perguntar o **que deve saber para ensinar**, a professora deve se perguntar porque ensinar e **como deve ser para ensinar**. Muita dor poderia ser evitada se o professor, a professora, aprendessem a organizar melhor o seu trabalho e o de seus alunos e alunas, se aprendessem a sistematizar e avaliar mais dialogicamente, se tivessem aprendido a aprender de forma cooperativa: o individualismo da profissão mata de ansiedade e angústia, leva ao sofrimento e até ao *martírio* do professor compromissado e à *desistência* daquele que perdeu a esperança.

Para evitar o *martírio* e a *desistência* é que os sistemas escolares e as escolas necessitam de uma ajuda externa, de uma *assessoria pedagógica*. Não para fazer o trabalho delas. Minha experiência me mostrou que a assessoria deve apenas *ajudar a escola a inovar*. Nós não devemos "implantar" inovações de fora, por melhores e mais bem intencionados que sejam os "amigos da escola". A escola é que deve ser protagonista e não os assessores. Toda inovação que vem de fora está fadada ao fracasso. Vejam-se os numerosos exemplos de "implantação" de inovações feitas pelos sistemas de ensino, mera determinação exterior, artificial e separada dos contextos pessoais e institucionais em que trabalham os profissionais da educação nas escolas.

A experiência do Instituto Paulo Freire nos mostrou, por exemplo, que o seu *Projeto da Escola Cidadã*, iniciado por Paulo Freire logo depois de haver deixado a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, em 1991, não pode ser "implantado" sob pena de fracassar[27]. Todo professor é e deve ser, necessariamente, um mau "implantador" de idéias dos outros. E é ótimo que assim seja, porque ele deve ser autônomo, ele precisa assumir, construir e conquistar sua autonomia profissional. O que a assessoria externa pode fazer é propor uma colaboração na identificação das *necessidades* e construir, com eles, as *respostas* a essas necessidades. Para isso, precisamos dispor de **estratégias**. Envolver a comunidade interna e externa da escola é essencial para qualquer inovação.

O agente protagonista é o profissional da escola. O assessor, como guia e mediador entre iguais, amigo crítico, "deveria intervir a partir das demandas dos professores ou das instituições educacionais com objetivo de auxiliar no processo de resolver os problemas ou situações problemáticas profissionais que lhes são próprios"[28]. Por isso, "a comunicação, o conhecimento da prática, a capacidade de negociação, o conhecimento de técnicas de diagnóstico, de análise de necessidades, o favorecimento da tomada de decisões e o conhecimento da informação, são temas-chave na assessoria"[29].

Pela legislação brasileira, hoje a formação continuada do professor em serviço é um direito. Contudo, para que esse direito seja exercido na prática, de fato, creio que são necessárias algumas pré-condições ou exigências mínimas; entre elas:

1ª direito a pelo menos 4 horas semanais de **estudo** com os colegas, não só com especialistas de fora, para refletirem sobre a sua própria prática, dividirem dúvidas e resultados obtidos;

2º possibilidade de freqüentar **cursos** seqüenciais aprofundados em estudos regulares, sobretudo sobre o ensino das disciplinas ou campos do conhecimento de cada professor;

3º acesso à **bibliografia** atualizada;

4º possibilidade de sistematizar sua experiência e **escrever** sobre ela;

5º possibilidade de participar e expor sua experiência em **congressos** educacionais;

6º possibilidade de **publicar** a experiência sistematizada;

7º enfim, não só sistematizar e publicar suas reflexões, mas também **colocar em rede** essas reflexões, o que cada professor, cada professora, cada escola está fazendo, por exemplo, através de uma site da secretaria de educação ou da própria escola.

A professora, o professor, podem ter um papel mais decisivo na construção de um novo **paradigma civilizatório** se entenderem de outra forma o seu papel na sociedade do conhecimento e educarem para a humanidade. Eles e elas podem ter um poder como nunca tiveram na sociedade. E como o poder nunca é doado, mas é conquistado, as *entidades de professores* têm uma enorme responsabilidade nesse processo de nova formação inicial e continuada dos profissionais da educação.

O mundo hoje é favorável às mudanças sonhadas por educadores como Antonio Gramsci, que entendia o educador como um intelectual organizador da cultura, Paulo Freire, que defendia o diálogo crítico como essência da educação e Florestan Fernandes, que sustentava que a emancipação só poderia vir a partir da organização "dos debaixo". A *nova pedagogia* para a educação da humanidade não é apenas uma pedagogia da resistência, mas, sobretudo, uma pedagogia da esperança e da possibilidade.

4 - Ser professor na sociedade aprendente

Em 2001 fiz uma enquete com os meus alunos da Licenciatura da Faculdade de Educação da USP perguntando quais seriam os saberes necessários à profissão docente hoje. Eis o que eles me responderam. Para ser professor é necessário: "ter uma concepção de educação; ter uma formação política, ética, isto é, ter compromisso; respeitar as diferenças; ter uma formação continuada; ser tolerante diante de atitudes, posturas e conhecimentos diferentes; preparar-se para o erro e a incerteza; ter autonomia didático-pedagógica; ter domínio do saber específico que leciona; ser reflexivo e crítico; saber relacionar-se com os alunos; ter uma formação geral, polivalente e transversal". Enfim... fazer da profissão um projeto de vida.

Recentemente tem-se realçado o caráter "reflexivo" da função docente como algo muito novo. Todavia, não existe nenhuma teoria da educação que não defenda expressamente a necessidade da reflexão na prática do professor. Por isso, falar de "professor reflexivo"[30], pode ser considerado como redundância. Para o educador não basta ser reflexivo. É preciso que ele dê sentido à reflexão. A reflexão é meio, é instrumento para a melhoria do que é específico de sua profissão que é construir sentido, impregnar de sentido cada ato da vida cotidiana, como a própria palavra latina "insignare" (marcar com um sinal), significa.

A reflexão deve, portanto, ser crítica. O professor não pode ser reduzido a isto ou àquilo. Seu saber profissional, de experiência feito, de reflexão, de pesquisa, de intervenção, deve ser visto numa certa totalidade e não reduzido a certas competências técnico-profissionais. Educar é também arte, ciência, práxis. Realçar o caráter reflexivo do quefazer educativo do professor, pode ser relevante, na medida em que se contrapõe à corrente do pensamento pedagógico pragmatista e instrumental, mas pode ser limitativo, se esse caráter não for compreendido numa certa totalidade de saberes necessários à prática educativa.

Fala também muito hoje de **competências** profissionais do professor. Fala-se menos de **saberes**. Virou moda falar de "novas competências"[31] ou do "enfoque por competências", que lembra um pouco o debate da década de 80 entre "competência técnica" e "compromisso político".

Como em toda moda, em toda ideologia, ela tem um fundamento. Por isso, é preciso buscar, nesse "senso comum", o "bom senso", como queria Antonio Gramsci. É preciso reconhecer que o contexto atual coloca novos desafios para a escola, para o ensino, o professor, o aluno, etc[32]. O professor precisa saber organizar o seu trabalho e orientar o do aluno a organizar o seu, saber trabalhar em equipe, participar da gestão da escola, envolver os pais, utilizar novas tecnologias, ser ético, continuar sua formação... mas esses saberes não foram desde sempre os saberes necessários à prática educativa?

Paulo Freire preferia falar de "saberes" e não de competências, uma palavra associada à tradição utilitarista, tecnocrática, ao mundo da empresa, à economia, à competitividade (ao mundo do trabalho neoliberal), à eficiência, à racionalização, à avaliação... Por isso ele fala de "saberes necessários à prática educativa" em seu último livro[33].

As profissões que dependem inteiramente da tecnologia (o torneiro mecânico, por exemplo) estão vendo suas "competências e habilidades" se transformarem rapidamente. O professor, para o exercício das suas funções não depende exclusivamente da tecnologia. Nem tudo muda para ele mudando a tecnologia que utilizar. No novo contexto de impregnação da informação ele precisa continuar sua formação ao longo de toda a vida e "saber ser, saber aprender, saber conviver, saber fazer", como diz a UNESCO[34]. Mas precisa continuar, como sempre, "saber porque" está ensinando e o que está ensinando, precisa "saber pensar"[35], necessita associar ensino, pesquisa e envolvimento comunitário. Pesquisar faz parte da própria "natureza da prática docente", como diz Paulo Freire: "Fala-se hoje, com insistência", diz ele, "no professor pesquisador. No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescente à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação

permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador"[36].

Alguns confundem competência com habilidade, mas competência não é habilidade: o professor pode ser competente, ter conhecimentos profundos de uma determinada disciplina e não ter habilidades práticas para o ensino, não saber ensinar. A educação não é só ciência, mas é também arte. O ato de educar é complexo. O êxito do ensino não depende tanto do conhecimento do professor, mas da sua capacidade de criar espaços de aprendizagem, vale dizer, "fazer aprender" e de seu projeto de vida de continuar aprendendo.

Nesse contexto devemos destacar as "competências de vida" ou os "saberes de experiência feitos", como costumava dizer Freire. As competências de vida que não se enquadram nas competências dos campos profissionais específicos. A questão das competências está ligada ao tema como aprendemos. Aprendemos atuando, empreendendo, agindo. A ação gera saber, habilidade, conhecimento. Agindo, por exemplo, aprendemos técnicas e métodos sobre "como fazer". E, muitas vezes, por não termos sido formados para reconhecer essas competências, não sabemos ensinar como fazemos, como chegamos a ter êxito no que fazemos.

Paulo Freire foi um mestre do respeito desse **saber**, dessas competência de vida. Para ele aprender era conhecer melhor o que já se sabe para poder ter acesso a novos conhecimentos. Essa não era apenas uma técnica pedagógica mas um ato pedagógico e uma concepção de vida que parte do acolhimento, com respeito, de um ser que conhece e quer aprender mais.

Há um movimento, sobretudo na Europa, para reconhecer (certificar) as competências das pessoas (sobretudo adultas) que não passaram pela certificação da escola. Qual o sentido do reconhecimento das competências de vida das pessoas?

Creio que essa certificação só faz sentido se não for burocrática, isto é, se valorizar a capacidade de aprender das pessoas. Reconhecer uma competência ou habilidade estimula e motiva as pessoas a continuar aprendendo, a "pensar a sua prática para transformá-la", como queria Freire.

O surgimento desse debate em torno da certificação de todas as competências das pessoas não deve ser invalidado pela possibilidade de controle social que traz em si mesmo. Este debate também traz algo positivo, na medida em que encarna o surgimento de uma nova sociedade, de uma sociedade essencialmente aprendente.

A sociedade contemporânea está marcada pela **questão do conhecimento**. E não é por acaso. O conhecimento tornou-se peça chave para entender a própria evolução das estruturas sociais, políticas e econômicas de hoje. Fala-se muito hoje em sociedade do conhecimento, às vezes com impropriedade. Mais do que a era do conhecimento, devemos dizer que vivemos a era da informação, pois percebemos com mais facilidade a disseminação da informação e de dados, muito mais do que de conhecimentos. O acesso ao conhecimento é ainda muito precário, sobretudo em sociedades com grande atraso educacional.

- Como ser professor na sociedade aprendente?

Hoje as teorias do conhecimento na educação estão centradas na aprendizagem, no ato de aprender, de conhecer.

- O que é conhecer?

Conhecer é construir categorias de pensamento, é "ler o mundo e transformá-lo", dizia Freire. Não é possível construir categorias de pensamento como se elas existissem *a priori*, independentemente do sujeito que conhece. Ao conhecer, o sujeito do conhecimento reconstrói o que conhece.

- Como conhecer?

Só é possível conhecer quando se deseja, quando se quer, quando nos envolvemos profundamente com o que aprendemos. No aprendizado, gostar é mais importante do que criar hábitos de estudo, por exemplo. Hoje se dá mais importância às metodologias da aprendizagem, às linguagens e às línguas estrangeiras, do que aos conteúdos. A transversalidade e a transdisciplinaridade do conhecimento é mais valorizada do que os conteúdos longitudinais do currículo clássico.

Frente à disseminação e à generalização do conhecimento, é necessário que a escola e o professor, a professora, façam uma seleção crítica da informação, pois há muito lixo e propaganda enganosa sendo veiculados. Não faltam, também na era da informação, encantadores da palavra para tirar algum proveito, seja econômico, seja religioso, seja ideológico.

Conhecer é importante porque a educação se funda no conhecimento e este na atividade humana. Para inovar é preciso conhecer. A atividade humana é intencional, não está separada de um projeto. Conhecer não é só adaptar-se ao mundo. É condição de sobrevivência do ser humano e da espécie.

Antes de conhecer o sujeito se interessa por... é "curioso", é "esperançoso" (Freire). Daí a importância do trabalho de "sedução" (Nietzsche) do professor, da professora, frente ao aluno, à aluna. Seduzir no sentido de encantar pela beleza e não como técnica de manipulação. Daí a necessidade da motivação, do encantamento. Motivação que deve vir de dentro do próprio aluno e não da propaganda. É preciso mostrar que "aprender é gostoso, mas exige esforço", como dizia Paulo Freire no primeiro documento que encaminhou aos professores quando assumiu a Secretaria de Educação do Município de São Paulo.

Certamente, para o professor ter êxito nessa sociedade aprendente, o professor, a professora precisam ter clareza sobre o que é conhecer, como se conhece, o que conhecer, porque conhecer, mas um dos segredos do chamado "bom professor" é trabalhar com prazer, gostando do que se faz. A gente faz sempre bem o que gosta de fazer. Só é bem sucedido aquele ou aquele que faz o que gosta.

5 - Aprender com emoção, ensinar com alegria

A educação é necessária para a sobrevivência do ser humano. Para que ele não precise inventar tudo de novo, necessita apropriar-se da cultura, do que a humanidade já produziu. Educar é também aproximar o ser humano do que a humanidade produziu. Se isso era importante no passado, hoje é ainda mais decisivo numa sociedade baseada no conhecimento.

O professor precisa saber, contudo, que é difícil para o aluno perceber essa relação entre o que ele está aprendendo e o legado da humanidade. O aluno que não perceber essa relação não verá sentido naquilo que está aprendendo e não aprenderá, resistirá à aprendizagem, será indiferente ao que o professor estiver ensinando. Ele só aprende quando quer aprender e só quer aprender quando vê na aprendizagem algum sentido. Ele não aprende porque é "burrinho". Ao contrário, às vezes, a maior prova de inteligência encontra-se na recusa em aprender.

Aprender vem de "ad" (junto de alguém ou algo) e "praehendere" (tentar prender, agarrar, pegar). Aprendemos porque **somos seres inacabados**: as tartarugas nascem "sabendo" o que precisam. Nascem na praia sem a presença da mãe. Mesmo assim, elas "sabem" que devem ir logo para o mar, caso contrário podem acabar na boca de algum predador. Os seres humanos, contudo, se abandonados, mesmo

com alguns meses de vida, eles morreriam. Nascem frágeis. Se os pais não os alimentam, morrem.

Nós, seres humanos, não só somos seres inacabados e incompletos como temos consciência disso. Por isso, precisamos aprender "com". Aprendemos "com" porque precisamos do outro, fazemo-nos na relação com o outro, mediados pelo mundo, pela realidade em que vivemos.

O que acontece conosco é que se o que aprendemos não tem sentido, não atender alguma necessidade, não "apreendemos". O que aprendemos tem que "significar" para nós. Alguma coisa ou pessoa é significativa quando ela deixa de ser indiferente. Esquecemos o que aprendemos sem sentido, o que não pode ser usado. Guardar coisa inútil é burrice. "O corpo aprende para viver. É isso que dá sentido ao conhecimento. O que se aprende são ferramentas, possibilidades de poder. O corpo não aprende por aprender. Aprender por aprender é estupidez"[37].

Todo ser vivo aprende na interação com o seu contexto: aprendizagem é relação com o contexto. Quem dá significado ao que aprendemos é o contexto. Por isso, para o educador ensinar com qualidade, ele precisa dominar, além do texto, o com-texto, além de um conteúdo, o significado do conteúdo que é dado pelo contexto social, político, econômico... enfim, histórico do que ensina. Nesse sentido, todo educador é também um historiador.

Nós, educadores, precisamos ter clareza do que é **aprender**, do que é "aprender a aprender", para entendermos melhor o ato de ensinar. Para nós, educadores, não basta saber como se constrói o conhecimento. Nós precisamos dominar outros saberes da nossa difícil tarefa de ensinar. Precisamos saber o que é ensinar, o que é aprender e, sobretudo, como aprender.

- O que é aprender?

Aprender não é acumular conhecimentos. Aprendemos história não para acumular conhecimentos, datas, informações, mas para saber como os seres humanos fizeram a história para fazermos história. *O importante é aprender a pensar* (a realidade, não pensamentos), aprender a aprender.

É o sujeito que aprende através da sua experiência. Não é um coletivo que aprende. Mas é no coletivo que se aprende. Eu dialogo com a realidade, com autores, com meus pares, com a diferença. Meu texto, este texto que estou escrevendo agora, por exemplo, é resultado de um diálogo: diálogo com o contexto, com os educadores, presentes em diversas palestras, cos os autores que li, etc.

Aprende-se o que é significativo para o projeto de vida da pessoa. Aprende-se quando se tem um projeto de vida. *Aprendemos a vida toda.* Não há tempo próprio para aprender.

E mais: *é preciso tempo para aprender* e para sedimentar informações. Não dá para injetar dados e informações na cabeça de ninguém. Exige-se também disciplina e dedicação. Como diz Paulo Freire: *"Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender"*[38].

Só aprendemos quando colocamos **emoção** no que aprendemos. Por isso é necessário ensinar com **alegria**[39]. Nossas escolas continuam preocupadas em ensinar e não param para pensar o que é ensinar, como se aprende, porque se aprende. "Dar aulas" tem-se constituído na única preocupação da escola. Tudo se resume na "aula". Precisamos parar para pensar a escola, pensar no que estamos fazendo. Pedro Demo acha inacreditável que a escola prossiga meramente "dando aulas", em vez de estar cuidando da "aprendizagem de todos os estudantes"[40].

Um **concurso para professores** traça o perfil do candidato. Elabora questões. Define bibliografia. Define o processo de seleção: dá pesos diferentes (juízo de valor) às partes da prova escrita, faz ou não entrevistas, considera ou não o "tempo de serviço", a experiência, a prática, considera ou não os títulos... Um concurso para professores define "o professor" que quer. Somos escolhidos.

E nós, professores, escolhemos também? Que sentido tem para nós nos submetermos ao processo de seleção? Queremos se aprovados para quê? Há um projeto que nos move? Ou nos submetemos passivamente ao "perfil" exigido pelo concurso? Por que não definimos as características a serem valorizadas no processo de seleção? Por que não definimos o processo de seleção? Com quem trabalharemos? Com quem construiremos um projeto de vida, de escola, de educação, de sociedade? O que esperam de nós, nossos alunos e alunas? Precisamos passar no "concurso do sentido" que tem o nosso fazer pedagógico. Precisamos usar estrategicamente os concursos públicos para professor para viabilizar um projeto de vida, um sonho.

Emprego. O sistema trata o professor apenas como um "vaga"? O sistema, ao abir um concurso está chamando para um emprego. E nós, estamos nos candidatando a uma vaga, ou a um projeto de vida a ser realizado, a uma sonho?

E, finalmente, conseguimos um "emprego". E agora? É cada vez mais difícil manter-se no "emprego", na profissão, principalmente pelo desrespeito, pela indisciplina, pelo desinteresse e pela violência que contamina muitas de nossas escolas. Há muitos professores e professoras que se sentem infelizes na escola e principalmente na sala de aula. Falta interesse, falta disciplina, faltam objetivos claros, enfim, falta sentido para o que ensinam. O aluno também não vê sentido no que está aprendendo na escola. E vem a pergunta desalentadora: "Para que estou estudando isso, professora?" - "Para que estudar?".

Em muitas palestras que venho dando, uma pergunta, dita de diversas maneira, me chega à mesa: "O que devo fazer?" "O que o senhor faria no meu lugar?".

O aluno quer saber, mas ele não quer aprender, não quer aprender o que lhe é ensinado e nem como lhe é ensinado. E o conflito, o desinteresse, a indisciplina, a violência nas escolas está crescendo. A escola ensina num paradigma e o aluno aprende num outro paradigma. O que fazer diante do paradoxo: **o aluno quer saber, mas não quer aprender**?

A escola precisa estar atenta às mudanças profundas que o contexto midiático contemporâneo está provocando na cabeça de crianças e jovens. Em média, no mundo, uma criança passa 4 horas diárias em frente à televisão. No Brasil são 8 horas. Em média, no mundo, a criança passa 8 horas diárias na escola. No Brasil são 4 horas. E mais: os professores passam mais tempo com as crianças do que os pais. Passamos muito tempo na escola, passamos muito tempo diante da televisão.

A criança passa muito tempo sentada diante da televisão porque sente prazer em ficar lá. O que o professor fala não exerce o mesmo fascínio da TV. "Cada vez mais as crianças chegam à escola transportando consigo a imagem de um mundo – real ou fictício – que ultrapassa em muito os limites da família e da comunidade de vizinhos. As mensagens mais variadas – lúdicas, informativas, publicitárias – transmitidas pelos meios de comunicação social entram em concorrência ou em contradição com o que as crianças aprendem na escola. Estas mensagens surgem sempre organizadas em rápidas seqüências o que, em numerosas regiões do mundo, tem uma influência negativa sobre a capacidade de manter a atenção, por parte dos alunos e, portanto, sobre as relações na aula. Passando os alunos menos tempo na escola do que diante da televisão, a seus olhos é grande o contraste entre a gratificação instantânea oferecida pelos meios de comunica-

ção, que não lhes exige nenhum esforço, e o que lhes é exigido para alcançarem sucesso na escola. Tendo assim perdido, em grande parte, a preeminência que tinham na educação, professores e escola encontram-se confrontados com novas tarefas: fazer da escola um lugar mais atraente para os alunos e fornecer-lhes as chaves de uma compreensão verdadeira da sociedade da informação. O professor deve estabelecer uma nova relação com quem está aprendendo, passar do papel de 'solista' ao de 'acompanhante', tornando-se não mais alguém que transmite conhecimentos, mas aquele que ajuda os seus alunos a encontrar, organizar e gerir o saber, guiando, mas não modelando os espíritos, e demonstrando grande firmeza quanto aos valores fundamentais que devem orientar toda a vida"[41]. Essas considerações do Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI me parecem muito apropriadas para explicar as dificuldades enfrentadas hoje pelos professores. São pistas para enfrentar a questão: "O que devo fazer?" "O que o senhor faria no meu lugar?". Mas, é claro, elas não dão conta de toda a complexa questão do "saber ensinar".

Diante das **dificuldades da prática docente**, do desencanto dos nossos alunos, muitos e muitas professoras são vítimas da "síndrome da desistência"[42]. Ela é expressa na exaustão emocional provocada pelo aumento da quantidade de trabalhos e pela despersonalização provocada pela sua baixa valorização social e reduzida realização pessoal.

São essas dificuldades que nos levam à pergunta de sempre: por que ser professor hoje? Qual é sentido de ser professor hoje? Para que estou ensinando? Como deve ser o novo professor?

Eis, em resumo, as respostas que tenho dado com mais freqüência em minhas falas, considerando o contexto da globalização e da "nova globalização"[43] emergente, que venho chamando de "planetarização"[44] e a sociedade da informação que prefiro chamar de sociedade aprendente.

1. **O novo professor é um profissional do sentido**. Diante dos novos espaços de formação (diversas mídias, ONGs, Internet, espaços públicos e privados, associações, empresas, sindicatos, partidos, parlamento...), o novo professor integra esses espaços e deixa de ser lecionador para ser um "gestor" [45] do conhecimento social (popular), o profissional que seleciona a informação e dá/constrói sentido para o conhecimento, um mediador do conhecimento. "Gestor" aqui significa construtor, organizador, mediador, coordenador. Não se confunde com "gerente" de uma empresa.

   O novo profissional da educação precisa perguntar-se: por que aprender, para quê, contra quê, contra quem. O processo de aprendizagem não é neutro. O importante é aprender a pensar, a pensar a realidade e não pensar pensamentos já pensados. Mas a função do educador não acaba aí: é preciso pronunciar-se sobre essa realidade que deve ser não apenas pensada, mas transformada.

   Muitas vezes não vemos sentido no que estamos ensinando. E nossos alunos também não vêem sentido no que estão aprendendo. Numa época de incertezas, de perplexidades, de transição, esse profissional deve construir sentido com seus alunos. O processo ensino / aprendizagem deve ter sentido para o projeto de vida de ambos para que seja um processo verdadeiramente educativo. O grande mal-estar de muitos de nossos professores e de nossas escolas está no "viver sem sentido" do que estão fazendo. O ato educativo está essencialmente ligado ao viver com sentido, à impregnação de sentido para nossas vidas.

2. **O novo professor é um profissional que aprende em rede** (ciberespaço da formação), sem hierarquias, cooperativamente (saber organizar o seu próprio trabalho). É um aprendiz permanente, um organizador do trabalho do aluno; consciente, mas também sensível. Ele desperta o desejo de aprender para que o aluno seja autônomo e se torne sujeito da sua própria formação.

   Por isso, o novo professor precisa desenvolver habilidades de colaboração (trabalho em grupo, interdisciplinaridade), de comunicação (saber falar, seduzir, escrever bem, ler muito), de pesquisa (explorar novas hipóteses, duvidar, criticar) e de pensamento (saber tomar decisões).

   O enfoque da formação do novo professor deve ser na autonomia e na participação, nas formas colaborativas de aprendizagem. Diz Paulo Freire: "O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do *movimento* de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma 'cantiga de ninar'. Seus alunos *cansam*, não *dormem*. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas"[46].

3. **Ensinar é mobilizar o desejo de aprender**. Mais importante do que saber é nunca perder a capacidade de aprender. "Saber é saborear", diz Rubem Alves[47]. O novo profissional da educação deve romper o divórcio entre a vida escolar e o prazer.

   Para ensinar são necessárias principalmente duas coisas:

   a) gostar de aprender, ter prazer em ensinar, como um jardineiro que cuida com emoção do seu jardim, de sua roça;
   b) amar o aprendente (criança, adolescente, adulto, idoso). Só aprendemos quando aquilo que aprendemos é "significativo" (Piaget) para nós e nos envolvemos profundamente no que aprendemos.

   O que aprendemos deve fazer parte do nosso projeto de vida. É preciso gostar de ser professor (auto-estima) para ensinar.

4. **A ética é parte integrante da competência do professor**, do saber ser professor. Isso significa que um professor que não tem um sonho, uma utopia, não é comprometido... não é competente, não é ético. Não se pode educar sem um sonho. Ensinar por ensinar, mecanizar, deshumanizar o processo educativo é não ser ético. Aprende-se ao longo de toda a vida, desde que tenhamos um projeto de vida. Ética do "cuidado"[48], da "amorosidade" (Freire).

   A razão competente deve ser uma razão "molhada de emoção" (Freire). O papel das emoções no processo de aprendizagem é decisivo: razão e emoção não são instâncias separadas no ser que aprende (Wallon). A emoção é parte do ato de conhecer.

   Em alemão educar significa cuidar, acolher. Uma sociedade alucinada e ruidosa como a nossa não pode educar porque não pode cuidar, não pode acolher. Nela não há mais tempo para o "modo de ser cuidado", para o encontro, mas apenas para o "modo de ser trabalho" ou exploração, nas expressões utilizadas por Leonardo Boff[49].

5. O novo professor é também um profissional do encantamento. Num mundo de desencanto e de agressividade crescentes, o novo professor tem um papel biófilo. É um promotor da vida, do bem viver, educa para a paz e a sustentabilidade. Não podemos abrir mão de uma antiga lição: a educação é ao mesmo tempo ciência e arte. A arte é a "técnica da emoção" (Vygotski). O novo profissional da educação é também um profissional que domina a arte de reencantar, de despertar nas pessoas a capacidade de engajar-se e mudar.

6 - Educar para uma vida sustentável

Três décadas de debates sobre "nosso futuro comum" deixaram algumas pegadas ecológicas, tanto no campo da economia, quanto no campo da ética, da política e da educação, que podem nos indicar um caminho diante dos desafios do Século XXI. A sustentabilidade tornou-se um tema gerador preponderante neste início de milênio para pensar não só o planeta mas também a educação; um tema portador de um projeto social global e capaz de reeducar nosso olhar e todos os nossos sentidos, capaz de reacender a esperança num futuro possível, com dignidade, para todos.

O **cenário** não é otimista: podemos destruir toda a vida no planeta neste milênio que se inicia. Uma ação conjunta global é necessária, um movimento como grande obra civilizatória de todos é indispensável para realizarmos essa **outra globalização**, essa planetarização, fundamentada em outros princípios éticos que não os baseados na exploração econômica, na dominação política e na exclusão social. O modo pelo qual vamos produzir nossa existência neste pequeno planeta, decidirá sobre a sua vida ou a sua morte, e a de todos os seus filhos e filhas.

Os **paradigmas clássicos**, fundados numa visão industrialista predatória, antropocêntrica e desenvolvimentista, estão se esgotando, não dando conta de explicar o momento presente e de responder às necessidades futuras. Necessitamos de um outro paradigma, fundado numa visão sustentável do planeta Terra. O globalismo é essencialmente insustentável. Ele atende primeiro às necessidades do capital e depois às necessidades humanas. E muitas das necessidades humanas a que ele atende, tornaram-se "humanas" apenas porque foram produzidas como tais para servirem ao capital.

Precisamos de uma "Pedagogia da Terra", uma pedagogia apropriada para esse momento de reconstrução paradigmática, apropriada à **cultura da sustentabilidade** e da paz. Ela vem se constituindo gradativamente, beneficiando-se de muitas reflexões que ocorreram nas últimas décadas, principalmente no interior do movimento ecológico. Ela se fundamenta num paradigma filosófico[50] emergente na educação que propõe um conjunto de saberes/valores interdependentes. Entre eles podemos destacar:

1°. **Educar para pensar globalmente**. Na era da informação, diante da velocidade com que o conhecimento é produzido e envelhece, não adianta acumular informações. É preciso saber pensar. E pensar a realidade. Não pensar pensamentos já pensados. Daí a necessidade de recolocarmos o tema do conhecimento, do saber aprender, do saber conhecer, das metodologias, da organização do trabalho na escola.

2°. **Educar os sentimentos**. O ser humano é o único ser vivente que se pergunta sobre o sentido de sua vida. Educar para sentir e ter sentido, para cuidar e cuidar-se, para viver com sentido cada instante da nossa vida. Somos humanos porque sentimos e não apenas porque pensamos. Somos parte de um todo em construção e reconstrução.

3°. **Ensinar a identidade terrena** como condição humana essencial. Nosso destino comum no planeta, compartilhar com todos, sua vida no planeta. Nossa identidade é ao mesmo tempo individual e cósmica. Educar para conquistar um vínculo amoroso com a Terra, não para explorá-la, mas para amá-la.

4°. **Formar para a consciência planetária**. Compreender que somos interdependentes. A Terra é uma só nação e nós, os terráqueos, os seus cidadãos. Não precisaríamos de passaportes. Em nenhum lugar na Terra deveríamos nos considerar estrangeiros. Separar primeiro de terceiro mundo, significa dividir o mundo para governá-lo a partir dos mais poderosos; essa é a divisão globalista entre globalizadores e globalizados, o contrário do processo de planetarização.

5°. **Formar para a compreensão**. Formar para a ética do gênero humano, não para a ética instrumental e utilitária do mercado. Educar para comunicar-se. Não comunicar para explorar, para tirar proveito do outro, mas para compreendê-lo melhor. A Pedagogia da Terra que defendemos funda-se nesse novo paradigma ético e numa nova inteligência do mundo. Inteligente não é aquele que sabe resolver problemas (inteligência instrumental), mas aquele que tem um projeto de vida solidário. Por que é bela a diversidade, porque é enriquecedora na possibilidade de criação de novas realidades e mais plenas. A solidariedade, como valor e como necessidade humana, embeleza, humaniza e promove a vida.

6°. **Educar para a simplicidade** e para a **quietude**. Nossas vidas precisam ser guiadas por novos valores: simplicidade, austeridade, quietude, paz, saber escutar, saber viver juntos, compartir, descobrir e fazer juntos. Precisamos escolher entre um mundo mais responsável frente à cultura dominante que é uma cultura de guerra, do ruído, de competitividade sem solidariedade, e passar de uma responsabilidade diluída a uma ação concreta, praticando a sustentabilidade na vida diária, na família, no trabalho, na escola, na rua. A simplicidade não se confunde com a simploriedade e a quietude não se confunde com a cultura do silêncio. A simplicidade tem que ser voluntária como a mudança de nossos hábitos de consumo, reduzindo nossas demandas. A quietude é uma virtude, conquistada com a paz interior e não pelo silêncio imposto.

É claro, tudo isso supõe **justiça** e justiça supõe que todas e todos tenham acesso à qualidade de vida. Seria cínico falar de redução de demandas de consumo, atacar o consumismo, falar de consumismo aos que ainda não tiveram acesso ao consumo básico. Não existe paz sem justiça.

Diante do possível extermínio do planeta, surgem alternativas numa **cultura da paz** e uma **cultura da sustentabilidade**. Sustentabilidade não tem a ver apenas com a biologia, a economia e a ecologia. Sustentabilidade tem a ver com a relação que mantemos conosco mesmos, com os outros e com a natureza. A pedagogia deveria começar por ensinar sobretudo a ler o mundo, como nos diz Paulo Freire, o mundo que é o próprio universo, por que é ele nosso primeiro educador. Essa primeira educação é uma educação emocional que nos coloca diante do mistério do universo, na intimidade com ele, produzindo a emoção de nos sentirmos parte desse sagrado ser vivo e em evolução permanente.

Não entendemos o **universo** como partes ou entidades separadas, mas como um todo sagrado, misterioso, que nos desafia a cada momento de nossas vidas, em evolução, em expansão, em interação. Razão, emoção e intuição são partes desse processo, onde o próprio observador está implicado. O Paradigma-Terra é um paradigma civilizatório. E como a cultura da sustentabilidade oferece uma nova percepção da Terra, considerando-a como uma única comunidade de humanos, ela se torna básica para uma cultura de paz.

O universo não está lá fora. Está dentro de nós. Está muito próximo de nós. Um pequeno **jardim**, uma horta, um pedaço de terra, é um microcosmos de todo o mundo natural. Nele encontramos formas de vida, recursos de vida, processos de vida. A partir dele podemos reconceitualizar nosso **currículo escolar**. Ao construí-lo e ao cultivá-lo podemos aprender muitas coisas. As crianças o encaram como fonte de tantos mistérios! Ele nos ensina os valores da emocionalidade com a Terra: a vida, a morte, a sobrevivência, os valores da paciência, da perseverança, da criatividade, da adaptação, da transformação, da renovação.

Todas as nossas escolas podem transformar-se em jardins e professores-alunos, educadores-educandos, em jardineiros. O jardim nos ensina ideais democráticos: conexão, escolha, responsabilidade, decisão, iniciativa, igualdade, biodiversidade, cores, classes, etnicidade, e gênero.

Paulo Freire insistia na necessidade de reafirmar a estética como dimensão fundamental da tarefa de educar. O Instituto Paulo Freire vem dando continuidade e reinventando esse sonho de Paulo Freire. Como me escreveu um dos seus diretores pedagógicos, Paulo Roberto Padilha, que está concluindo sua tese de doutorado sobre esse tema, "a boniteza de ser professor está no fato de ser uma atividade desafiadora, cheia de cores, tempos e espaços diferentes. A vida do professor poderia ser dinâmica e bela se pudéssemos enchê-la de jardins, de sons, de imagens, de sentimentos... se pudéssemos resgatar a beleza que temos em nós, seres humanos. Resgatar na sala de aula e na escola, a nossa humanidade". Concordo plenamente com ele.

7 - Ser professor, ser educador

"Educadores, onde estarão?", pergunta Rubem Alves.

E ele mesmo responde: "Em que covas terão se escondido? Professores, há aos milhares, mas professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrário, não é profissão, é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança"[51]. E continua: "Com o advento da indústria como poderia o artesão sobreviver? Foi transformado em operário de segunda classe, até morrer de desgosto e saudade. O mesmo com os tropeiros, que dependiam das trilhas estreitas e das solidões, que morreram quando o asfalto e o automóvel chegaram. Destino igualmente triste teve o boticário, sem recursos para sobreviver num mundo de remédios prontos. Foi devorado no banquete antropofágico das multinacionais"[52].

Rubem Alves é um emérito escritor, psicanalista, educador respeitado, mas é sobretudo um semeador de sonhos e de idéias que dão a pensar. Foi assim que introduziu uma intrigante distinção entre **ser professor** e **ser educador**: "Com o advento do utilitarismo a pessoa passou a ser definida pela sua produção; a identidade é engolida pela função. E isto se tornou tão arraigado que, quando alguém nos pergunta o que somos, respondemos inevitavelmente dizendo o que fazemos. Com essa revolução instaurou-se a possibilidade de se gerenciar e administrar a personalidade, pois que aquilo que se faz e se produz, a função, é passível de medição, controle, racionalização. A pessoa praticamente desaparece, reduzindo-se a um ponto imaginário em que várias funções são amarradas. É isto que eu quero dizer ao afirmar que o nicho ecológico mudou. O educador, pelo menos o ideal que minha imaginação constrói, habita um mundo em que a interioridade faz uma diferença, em que as pessoas se definem por suas visões, paixões, esperanças e horizontes utópicos. O professor ao contrário, é funcionário de um mundo dominado pelo Estado e pelas empresas. É uma entidade gerenciada, administrada segundo a sua excelência funcional, excelência esta que é sempre julgada a partir dos interesses do sistema. Freqüentemente o educador é mau funcionário, porque o ritmo do mundo do educador não segue o ritmo do mundo da instituições. Não é de se estranhar que Rousseau tenha se tornado obsoleto. Porque a educação que ele contempla ocorre colada ao imprevisível de uma experiência de vida ainda não gerenciada"[53]. E conclui mais a frente: "Talvez que um professor seja um funcionário das instituições... O educador, ao contrário é um fundador de mundos, mediador de esperanças, pastor de projetos. Não sei como preparar o educador. Talvez que isto não seja nem necessário nem possível... É necessário acordá-lo. E aí aprenderemos que educadores não se extinguiram como tropeiros e caixeiros"[54].

As reações às provocações de Rubem Alves não se fizeram esperar. Suas teses geravam uma saudável polêmica. O professor Jefferson Ildefonso da Silva sustenta que existe um "falso dilema" entre educador e professor. Esse dilema "se dilui e perde sua relevância ao se encarar a formação do educador para além do âmbito pedagógico ou individualista, para situá-lo na perspectiva de uma proposta e teoria pedagógica que incorpore o caráter político da prática pedagógica e sua dependência da práxis social global, onde se dá a luta hegemônica das classes"[55]. Todo professor é, por função, educador. Para ele o educador é um intelectual dirigente, orgânico. Numa sociedade dividida, ele não é neutro. Numa perspectiva emancipadora, o educador é um intelectual orgânico das classes populares, a favor dos interesses das pessoas que necessitam de educação.

Com ele, também concorda meu ex-aluno e amigo, a quem ensinei e, sobretudo, com quem muito aprendi e continuo aprendendo, o professor Celso dos Santos Vasconcellos para o qual seria um contra-senso pensar que a dasse dominante se disponha a oferecer um ensino popular de qualidade que desvende as relações de dominação existentes na sociedade: "A escola para o povo só tem sentido numa nova forma de organizar a sociedade. Não é possível fazer uma escola para todos dentro de uma sociedade para alguns! Ou seja, a democratização da escola precisa ser acompanhada de um novo projeto social"[56]. Formar para e pela cidadania não pode limitar-se a uma formação genérica para uma sociedade que não existe. Uma **educação cidadã** precisa ser uma **educação de classe**.

Vasconcellos insiste na questão do **sentido da função docente**. Ele sustenta que os educadores não estão sabendo articular o "novo sentido" da sua profissão sobretudo em função de seu desgaste profissional. Ele sustenta que o que vai dar sentido à sua profissão é justamente "a esperança de poder construir uma realidade diferente e de que a escola pode contribuir para a concretização desta sociedade mais humana. O mesmo movimento que recupera o sentido do trabalho do professor é o que dá sentido ao estudo para o aluno. Estamos no mesmo barco; daí a importância de ver no aluno – e na comunidade – um aliado (e não um inimigo, como tem acontecido amiúde)"[57]. Vasconcellos insiste na necessidade do professor "ganhar" o aluno para a "indispensável mudança que deve ocorrer: não se trata mais de estudar simplesmente para poder garantir o seu lugarzinho no bonde da história; trata-se, isto sim, de estudar a fim de ganhar competência e ajudar a mudar o rumo deste bonde, ou seja, ajudar a construir uma sociedade onde haja lugar para todos!"[58] e cita a seguir um artigo da *Folha de S. Paulo*, segundo o qual "o Brasil logo terá dois tipos de pessoas: os que não comem, porque não têm o que comer e os que não dormem, de medo dos que não comem".

Diante desse quadro, o professor competente, profissionalmente, o professor "que sabe", não pode ficar indiferente. Porque ser comprometido, engajar-se, ser ético, faz parte da sua competência como professor. Como profissional do sentido, sua profissão está ligada ao amor e à esperança. Ela não se extinguirá enquanto houver espaço para a construção da humanidade.

A esperança, para o professor, a professora, não é algo vazio, de quem "espera" acontecer. Ao contrário, a **esperança** para o professor encontra sentido na sua própria profissão, a de

transformar pessoas, a de construir pessoas, e alimentar, por sua vez, a esperança delas para que consigam, por sua vez, construir uma realidade diferente, "mais humana, menos feia, menos malvada", como costumava dizer Paulo Freire. Uma educação sem esperança não é educação.

A educação, nesse sentido, confunde-se com **processo de humanização**. Respondendo à questão "como o professor pode tornar-se um intelectual na sociedade contemporânea", o geógrafo brasileiro Milton Santos, falecido no ano de 2001, respondeu: "Quando consideramos a história possível e não apenas a história existente, passamos a acreditar que outro mundo é viável. E não há intelectual que trabalhe sem idéia de futuro. Para ser digno do homem, qual seja, do homem visto como projeto, o trabalho intelectual e educacional tem que ser fundado no futuro. É dessa forma que os professores podem tornar-se intelectuais: olhando o futuro"[59].

Pensar a educação do futuro e o futuro da humanidade é pensar holisticamente, pensar a totalidade. E educar holisticamente é estimular o desenvolvimento integral do ser humano em sua **totalidade pessoal** - intelectual, emocional, física - relacionada com a **totalidade do mundo da vida** - os outros seres vivos, a comunidade, a sociedade - e a **totalidade cósmica**: a Terra, o universo. Educar holisticamente é entender o se humano como um ser que transcende, que ultrapassa todos os limites, "até o último horizonte", como diz Leonardo Boff[60].

O professor precisa indagar-se constantemente sobre o sentido do que está fazendo. Se isso é fundamental para todo ser humano, como ser que busca sentido o tempo todo, para toda e qualquer profissão, para o professor é também um dever profissional. Faz parte de seus saberes profissionais continuar indagando, junto com seus colegas e alunos, sobre o sentido do que estão fazendo na escola. Ele está sempre em **processo de construção de sentido**. Como diz Celso Vasconcellos[61], "o sentido não está pronto em algum lugar esperando ser descoberto. O sentido não advém de uma esfera transcendente, nem da imanência do objeto ou ainda de um simples jogo lógico-formal. É uma construção do sujeito! Daí falarmos em produção. Quem vai produzir é o sujeito, só que não de forma isolada, mas num contexto histórico e coletivo (...). Ser professor, na acepção mais genuína, é ser capaz de fazer o outro aprender, desenvolver-se criticamente. Como a aprendizagem é um processo ativo, não vai se dar, portanto, se não houver articulação da proposta de trabalho com a existência do aluno; mas também do professor, pois se não estiver acreditando, se não estiver vendo sentido naquilo, como poderá provocar no aluno o desejo de conhecer?"

Celso Vasconcellos insiste, em seu livro que o papel do professor é "educar através do ensino"[62]. Ele pode apenas ensinar tabuada, mas só educa através do ensino quando construir o sentido da tabuada junto com seu aprendiz, por que, como diz ele, ensinar vem do latim *insignare*, que significa "marcar com um sinal", atuar na construção do significado do que fazemos. Tudo o que fazemos precisamos fazer com sentido, tudo o que estudamos tem que ter sentido.

Os dois maiores educadores do século passado, John Dewey e Paulo Freire, cada um a seu modo, procuraram responder a essa questão e centraram suas análises na relação entre "educação e vida", reagindo às pedagogias tecnicistas do seu tempo – tanto de esquerda quanto de direita – que só se preocupavam com métodos e técnicas. "Gostaria de ser lembrando como alguém que amou a vida", disse Paulo Freire duas semanas antes de falecer. A educação só tem sentido como vida. Ela é vida. A escola perdeu seu sentido de humanização quando ela virou mercadoria, quando deixar de ser o lugar onde a gente aprende a ser gente, para tornar-se o lugar onde as crianças e os jovens vão para aprender a competir no mercado.

A educação, para ser transformadora, emancipadora, precisa estar **centrada na vida**, ao contrário da educação neoliberal que está centrada na competividade sem solidariedade. Para ser emancipadora a educação precisa considerar as pessoas, suas culturas, respeitar o modo de vida das pessoas, sua identidade. O ser humano é "incompleto e inacabado" como diz Paulo Freire[63], em formação permanente.

Por isso, hoje, o professor precisa mostrar que o neoliberalismo, com sua política de **mercantilização da educação**, tornou a sua profissão descartável. É preciso mostrar também que uma educação de qualidade para todos é inviável e contrária ao projeto político neoliberal capitalista. É preciso fazer a análise crítica, social, econômica. Mas tudo isso não basta. É preciso que a rigorosa análise da situação não fique nela, mas aponte caminhos e nos indique como caminhar. Caso contrário, as análises sociológicas e políticas, por mais rigorosas e corretas que sejam, ajudam apenas para manter o imobilismo e a falta de perspectivas para o educador. Há que superar tanto o imobilismo quanto a prática do imediatismo tarefeiro e descomprometido com um projeto amplo de sociedade.

O poder do professor está tanto na sua capacidade de refletir criticamente sobre a realidade para transformá-la quanto na possibilidade de formar um grupo de companheiros e companheiras para lutar por uma causa comum. Paulo Freire insistia que a escola transformadora era a "**escola de companheirismo**", por isso sua pedagogia é uma pedagogia do diálogo, das trocas, do encontro, das redes solidárias. "Companheiro" vem do latim e significa "aquele que partilha o pão". Trata-se portanto de uma postura radical ao mesmo tempo crítica e solidária.

Às vezes somos apenas críticos e perdemos o afeto dos outros por falta de companheirismo. Não haverá superação das condições atuais do magistério sem um profundo sentimento de companheirismo. Lutando sozinhos chegaremos apenas à frustração, ao desânimo, à lamúria. Daí o sentido profundamente ético dessa profissão. No fundo, para enfrentar a barbárie neoliberal na educação vale ainda a tese de Marx de que "o próprio educador deve ser educado", educado para a construção histórica de um sentido novo de seu papel.

Escrevi esse pequeno inspirado na *Pedagogia da autonomia* de Paulo Freire. Nesse seu último livro, ele trabalhou principalmente a ética e a estética do ser professor: o que ele deve saber para ser professor, como ele deve ser para ser professor.

Paulo Freire sonhava com uma sociedade, um mundo, onde todos coubessem. A educação pode dar um passo na direção deste outro mundo possível se ensinar as pessoas com um novo paradigma do conhecimento, com uma visão do mundo onde todas as **formas de conhecimento** tenham lugar, se dotar os seres humanos de **generosidade epistemológica**, um pluralismo de idéias e concepção que se constitui na grande riqueza de saberes e conhecimento da humanidade.

Creio que existe ainda na comunidade humana uma imensa reserva de altruismo e de solidariedade, um dique que o educador precisa conhecer e potencializar para romper as barreiras do represamento. Educar é empoderar. Não é tanto ensinar quanto reencantar. Ou melhor, ensinar, nesse contexto, é reencantar, despertar a capacidade de sonhar, despertar a crença de que é possível mudar o mundo. Essa profissão, por isso, é insubstituível. Não podemos imaginar um futuro sem ela. Não podemos imaginar um futuro sem

professores. Nisso acredito nas palavras de Rubem Alves: "Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim não morre jamais..."[64].

A esta altura muitos leitores e leitoras estarão se perguntando se eu não estaria idealizando a figura do professor, ignorando totalmente a estrutura caótica imposta às redes e sistemas de ensino pelo estado capitalista que acaba culpabilizando o próprio professor pelos fracassos da escola. O cenário não é otimista. Eu não poderia, de forma alguma, ignorá-lo. Ao contrário, precisamos reacender o sonho de ser professor com sentido, justamente para combater esse estado de coisas. Precisamos reafirmar o sonho justamente, como nos diz Paulo Freire, para fazer frente "à malvadez neoliberal, ao cinismo de sua ideologia fatalista e a sua recusa inflexível ao sonho e à utopia"[65]. Sair do plano ideal para a prática, não é abandonar o sonho para agir, mas agir em função dele, agir em função de um projeto de vida e de escola, de cidade, de mundo possível, de planeta... um projeto de esperança.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. São Paulo, Cortez, 1981.

ANTUNES, Ângela. *Aceita um conselho? Como organizar o colegiado escolar*. São Paulo, Cortez/IPF, 2002.

ANTUNES, Ângela. *Leitura do mundo no contexto da planetrarização: por uma pedagogia da sustentabilidade*. São Paulo, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2002 (Tese de doutorado).

ARROYO, Miguel G. *Ofício de mestre: imagens e auto-imagens*. Petrópolis, Vozes, 2000.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra*. Petrópolis, Vozes, 1999.

----------. Tempo de transcendência: o ser humano como um projeto infinito. São Paulo, Sextante, 2000.

BRANDÃO, Carlos R. (org.). *O educador: vida e morte – escritos sobre uma espécie em perigo*. São Paulo, Brasiliense, 1982.

CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação). *Educação: carinho e trabalho – Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação*. Brasília, CNTE, 1999.

CORTESÃO, Luiza. *Ser professor: um ofício em risco de extinção*. São Paulo, Cortez/IPF, 2002.

DELORS, Jacques Delors (org.). *Educação: um tesouro a descobrir* – Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo, Cortez, 1998.

DEMO, Pedro. *Conhecer & Aprender – Sabedoria dos limites e desafios*. Porto Alegre, Artmed, 2001.

----------. Ironias da educação: mudança e contos sobre mudança. Rio de Janeiro, DP&A, 2000.

----------. *Saber pensar*. São Paulo, Cortez/Instituto Paulo Freire, 2000.

DOWBOR, Ladislau. *A reprodução social: propostas para uma gestão descentralizada*. Petrópolis, Vozes, 1998.

----------. Tecnologias do conhecimento: os desafios da educação. Petrópolis, Vozes, 2001.

ESTEVE, José M. *O mal-estar docente*. Lisboa, Escher, 1992.

FERNÁNDEZ, Alícia. *A mulher escondida na professora*. Porto Alegre, Artmed, 1994.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

----------. Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo, Olho D'Água, 1993.

----------. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra, 1997.

GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da Terra*. São Paulo, Peirópolis, 2001.

----------. *Perspectivas atuais da educação*. Porto Alegre, Armed, 2000.

IMBERNÓN, Francisco. Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo, Cortez, 2000.

MARQUES, Mário Osório. *A formação do profissional da educação*, Ijuí, Editora UNIJUÍ, 1992.

McLUHAN, Herbert M. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo, Cultrix, 1974.

NÓVOA, António (org.). *Profissão professor*. Porto, Porto Editora, 1991.

PADILHA, Paulo Roberto. *Planejamento dialógico: como construir o projeto político-pdagógico da escola*. São Paulo, Cortez/IPF, 2001.

PERRENOUD, Philippe. *Construir as competências desde a escola*, Porto Alegre, Artmed, 2002.

PESSANHA, Eurize Caldas. *Ascensão e queda do professor*, São Paulo, Cortez, 1994.

SANTOS, Milton. "O professor como intelectual na sociedade contemporânea". In *Anais do IX ENDIPE- Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino*, vo. III, São Paulo, 1999.

----------. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. São Paulo, Record, 2000.

SILVA, Jefferson Ildefonso da. *Formação do educador e educação política*, São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1991.

SNYDERS, Georges. *A alegria na escola*. São Paulo, Manole, 1986.

VASCONCELLOS, Celso. Para onde vai o professor? Resgate do professor como sujeito de transformação. São Paulo, Libertad, 2001.

SOBRE O AUTOR

MOACIR GADOTTI nasceu em Rodeio (SC), em 1941. É licenciado em Pedagogia (1967) e Filosofia (1971). Fez Mestrado em Filosofia da Educação na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1973), Doutorado em Ciências da Educação na Universidade de Genebra (1977) e Livre Docência na Universidade Estadual de Campinas (1986).

Foi professor de História e Filosofia da Educação em cursos de graduação e pós-graduação de diversas instituições, entre elas a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, a Universidade Estadual de Campinas e a Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Foi assessor técnico da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo (1983-1984) e Chefe de gabinete da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de São Paulo (1989-1990), na gestão de Paulo Freire. Atualmente é professor titular da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e diretor do Instituto Paulo Freire.

Possui um grande número de publicações em que desenvolve uma proposta educacional cujos eixos são a formação crítica do educador e a construção da escola cidadã, numa *perspectiva dialética integradora* da educação e orientada pelo *paradigma da planetaridade*. Entre os livros publicados destacam-se: *A educação contra a educação* (1981), *Concepção dialética da educação* (1983), *Pensamento pedagógico brasileiro* (1987), *Convite à leitura de Paulo Freire*, (1988), *Escola cidadã* (1992), *História das idéias pedagógicas* (1993), *Pedagogia da Práxis* (1995) *Paulo Freire*: *uma biobibliografia* (1996), *Perspectivas Atuais da Educação* (2000), *Pedagogia da Terra* (2000) e *Um legado de esperança* (2001).

[1] Paulo Freire, Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 1997, p. 67.
[2] *Idem, ibidem,* p. 160.
[3] Paulo Freire, in Carlos R. Brandão (org.), *O educador: vida e morte – escritos sobre uma espécie em perigo*. São Paulo, Brasiliense, 1982, p. 101.
[4] Paulo Freire, *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra, 1997, p. 15.
[5] Estou tornando públicos os direitos autorais deste livro para que ele possa ser reproduzido parcial ou integralmente e impresso em qualquer formato, por qualquer pessoa ou instituição. Gostaria que ele fosse distribuído gratuitamente. Se não for possível, que seja vendido ao preço de custo. O ideal seria cobrar, no máximo, um real, para que o maior número de professores e de professoras possam ter acesso. Aproveito a oportunidade para agradecer aos companheiros Paulo Roberto Padilha e Ângela Antunes pelas preciosas sugestões que me ofereceram na revisão do texto original deste livro.
[6] E somos muitos professores no mundo: 50 milhões. Somos organizados e alguma coisa podemos fazer para mudar a ordem das coisas. Segundo a UNESCO (In Jacques Delors (org.), *Educação: um tesouro a descobrir* – Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo, Cortez, 1998, p. 156),"a profissão de professor é uma das mais fortemente organizadas do mundo e as organizações de professores podem desempenhar – e desempenham – um papel muito influente em vários domínios. A maior parte dos cerca de cinqüenta milhões de professores que há no mundo estão sindicalizados ou julgam-se representados por sindicatos".
[7] Leonardo Trevisan, in *O Estado de S. Paulo*, 1 de julho de 1989, p. 2.
[8] Essa mensagem está, na íntegra, na abertura de um pequeno e denso livro do educador e economista Ladislau Dowbor, *Tecnologias do conhecimento: os desafios da educação*. Petrópolis, Vozes, 2001.
[9] Herbert M. McLuhan, *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo, Cultrix, 1974.
[10] Ladislau Dowbor, A reprodução social: propostas para uma gestão descentralizada. Petrópolis, Vozes, 1998.
[11] Luiza Coresão, *Ser professor: um ofício em risco de extinção*. São Paulo, Cortez/IPF, 2002.
[12] Ver Ângela Antunes, A leitura do mundo no contexto da planetarização: por uma pedagogia da sustentabilidade. São Paulo, FE-USP, 2002 (Tese de doutorado).
[13] Ver Paulo Freire, *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo, Olho D'Água, 1993.
[14] Mário Osório Marques, *A formação do profissional da educação*, Ijuí, Editora UNIJUÍ, 1992, p. 113.
[15] Eurize Caldas Pessanha, *Ascensão e queda do professor*, São Paulo, Cortez, 1994.
[16] *Idem*, p. 28.
[17] Francisco Imbernón. *Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza*. São Paulo, Cortez, 2000, p. 109. O autor é professor da Universidade de Barcelona.
[18] Veja-se o livro do grande discípulo de John Dewey, William Heard Kilpatrick (1876-1965) *Educação para uma civilização em mudança*.
[19] Francisco Imbernón. Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo, Cortez, 2000, p. 11.
[20] Veja-se Paulo Freire (Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa), Jacques Delors, org. (Educação, um tesouro a descobrir) e Edgar Morin (Sete saberes necessários à educação do futuro).
[21] Francisco Imbernón. Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo, Cortez, 2000, p. 27.
[22] Paulo Freire, Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa, São Paulo, Paz e Terra, 1997, p. 43.
[23] Francisco Imbernón. Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo, Cortez, 2000, p. 40.
[24] Idem, p. 78.
[25] Veja-se Paulo Roberto Padilha, Planejamento dialógico: como construir o projeto político-pdagógico da escola (São Paulo, Cortez/IP, 2001) e Ângela Antunes, Aceita um conselho? Como organizar o colegiado escolar (São Paulo, Cortez/IPF, 2002).
[26] *Op. cit.*, p 81.
[27] Para maiores informações sobre os projetos do Instituto Paulo Freire veja-se o site www.paulofreire.org.
[28] Francisco Imbernón. Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo, Cortez, 2000, p. 88.
[29] *Idem*, p. 94.
[30] Donald Schön. *Educando o profissional reflexivo*. Porto Alegre, ArtMed, 1998.
[31] Philippe Perrenoud, *Construir as competências desde a escola*, Posto Alegre, Artmed, 2002. Tradução do francês *Construire des compétences dès l'école*. Paris, ESF, 1997.
[32] Moacir Gadotti, *Perspectivas atuais da educação*. Porto Alegre, Armed, 2000.
[33] Paulo Freire, Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 1997.
[34] Jacques Delors (org.), *Educação: um tesouro a descobrir* – Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo, Cortez, 1998.
[35] Pedro Demo, *Saber pensar*. São Paulo, Cortez/Instituto Paulo Freire, 2000.
[36] Paulo Freire, Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 1997, p. 32.
[37] Rubem Alves, "Sobre moluscos e homens", in *Folha de S. Paulo*, 17 de fevereiro de 2002, p. 3.
[38] Paulo Freire, Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 1997, p. 25.
[39] Georges Snyders, *A alegria na escola*. São Paulo, Manole, 1986.
[40] Pedro Demo, Conhecer & Aprender – Sabedoria dos limites e desafios. Porto Alegre, Artmed, 2001.
[41] Jacques Delors (org.), *Educação: um tesouro a descobrir* – Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo, Cortez, 1998, p.154-155.
[42] Ver pesquisa sobre saúde dos trabalhadores em educação da CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação), *Educação: carinho e trabalho – Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação*. Brasília, CNTE, 1999. Essa pesquisa foi o mais amplo levantamento já realizado a respeito da educação em todo o mundo. Durante dois anos foram entrevistados 52 mil professores e funcionários de escola em 1.440 unidades das redes públicas estaduais, nos 27 estados do Brasil.
[43] Milton Santos, Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. São Paulo, Record, 2000.
[44] Ver Ângela Antunes, *Leitura do mundo no contexto da planetarização: por uma pedagogia da sustentabilidade*. São Paulo, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2002 (Tese de doutorado) e Moacir Gadotti, *Pedagogia da Terra*. São Paulo, Peirópolis, 2001.
[45] Ladislau Dowbor, A reprodução social: propostas para uma gestão transformadora. Petrópolis, Vozes, 1998.
[46] Paulo Freire, Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa, São Paulo, Paz e Terra, 1997, p. 96.
[47] Rubem Alves, *Conversas com quem gosta de ensinar*. São Paulo, Cortez, 1981.
[48] Leonardo Boff, Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra. Petrópolis, Vozes, 1999.
[49] Idem, ibidem.
[50] Entre os principais representantes desse paradigma podemos citar: Paulo Freire, Leonardo Boff, Sebastião Salgado, Boaventura de Sousa Santos, Milton Santos, Aziz Ab'Sáber, Thomas Berry, Fritjop Capra, Edgar Morin.
[51] Rubem Alves, in Carlos R. Brandão (org.), *O educador: vida e morte – escritos sobre uma espécie em perigo*. São Paulo, Brasiliense, 1982, p. 16.
[52] Idem, ibidem.
[53] *Idem,* pp. 18-19.
[54] *Idem*, p. 28.
[55] Jefferson Ildefonso da Silva, *Formação do educador e educação política*, São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1991, p. 13.
[56] Celso dos Santos Vasconcellos, Para onde vai o professor? Resgate do professor como sujeito de transformação, São Paulo, Editora Libertad, 1995, p. 49.
[57] *Idem*, p. 52.
[58] *Idem, ibidem*.
[59] Milton Santos, "O professor como intelectual na sociedade contemporânea". In *Anais do IX ENDIPE- Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino*, vol. III, São Paulo, 1999, p. 14.
[60] Leonardo Boff, Tempo de transcendência: o ser humano como um projeto infinito. São Paulo, Sextante, 2000.
[61] Celso Vasconcellos, Para onde vai o professor? Resgate do professor como sujeito de transformação. São Paulo, Libertad, 2001, pp. 51-52.
[62] *Idem*, p. 55.
[63] Paulo Freire, *Educação e mudança*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979, p. 27.
[64] Rubem Alves, em carta enviada a alguns amigos no final de 2001.
[65] Paulo Freire, Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa, São Paulo, Paz e Terra, 1997, p. 15